

Quanto Pesa a Alma?¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa/Fundação para a Ciência e Tecnologia)

E se os paquetes de luxo que cruzam majestosamente os oceanos, com centenas de turistas a bordo, encerrassem nos porões um segredo sinistro? E se algumas figuras públicas portuguesas (políticos, homens de negócio, etc.) estivessem envolvidos nesse crime? E se apenas uma pessoa, um cidadão comum, decidisse fazer-lhes frente? Na sua nona obra, *Combateremos a Sombra*, a escritora algarvia Lídia Jorge aposta numa história inovadora, que conjuga traços do género policial, com o romance psicológico mais profundo. A figura central do enredo é o psicanalista lisboeta Osvaldo Campos, descrito como “um decifrador de histórias”, que auxilia os pacientes, por vezes de graça, num messianismo nem sempre compreendido.

Numa entrevista ao *Portal de Literatura*, a autora classifica-o como “o meu Dom Quixote de estimação, com quem ando há muito tempo a conviver”. Embora para os padrões materialistas da sociedade atual Osvaldo seja um insucesso, por não ser rico ou célebre, a sua coragem e altruísmo fazem dele um herói anónimo, que não pactua com a prepotência dos senhores do mundo.

O início do milénio não trouxe nem prosperidade nem alegria a esta personagem: a esposa, Cristina Folgado, pede o divórcio, na sequência da relação com outro psicanalista, o Dr. Navarra, bem conhecido na esfera profissional. Sem mulher nem casa, Osvaldo passa a residir sozinho no pequeno consultório, onde acorrem as mais estranhas personagens, com obsessões e manias específicas. Lázaro Catembe, por exemplo, recusa-se a entrar em autocarros conduzidos por negros, pois não vislumbra ninguém ao volante; já a última paciente da noite, Maria, é uma jovem de consciência inquieta, obrigada a colaborar com a vida dupla do pai, o conhecido arquiteto London Loureiro. Maria revela a Osvaldo, através dos sonhos, o tráfico humano e de estupefacientes, a bordo de uma frota de paquetes de luxo. Por mero acaso, o psicanalista descobre que as divagações oníricas de Maria têm um fundo verídico: existe uma rede de crimes, e várias personalidades da vida pública portuguesa estão profundamente envolvidas.

Osvaldo investiga pistas, dentro e fora da mente perturbada de Maria, e, pouco a pouco, desvenda uma realidade complexa, a denunciar. Mas alguém o escutará, nesta saga em busca

¹ Mancelos, João de. “Quanto Pesa a Alma? (Recensão a *Combateremos a Sombra*, de Lídia Jorge)”. *Rede2020* 4.6 (nov.-dez. 2008): 13.

da justiça? O amigo político, Junô de Almeida, prefere abafar o caso, por temer as repercussões; o inspetor da Polícia Judiciária, João Toscano, mostra-se pouco diligente; a imprensa, ora arquiva, ora adia a revelação. No fundo, são figuras e instituições típicas de Portugal — um país que, no dizer de Lúcia Jorge, continua a marcar passo, melancolicamente. Neste contexto, *Combateremos a Sombra* é um romance oportuno e interventivo, onde a arte se alia à responsabilidade social de denunciar. Será preciso o amor de uma mulher enigmática, Rossiana, para Osvaldo fazer frente não apenas os prevaricadores, mas também a passividade dos inúmeros que sabem, calam e consentem.

Afirmar que Lúcia Jorge é uma das mais talentosas romancistas portuguesas contemporâneas é dizer pouco. A mestria do seu trabalho projeta-se internacionalmente, como confirmam os diversos prémios de prestígio que obteve, entre os quais o Jean Monet de Literatura Europeia (2000), e o da Fundação Günter Grass (2006).

No entanto, dizer que *Combateremos a Sombra* é um romance sem mácula será conceder demasiado. Em termos de género, o desafio principal desta obra reside em conciliar as características inerentes a um livro de ação, catalítico e de cadência célere, com a profundidade de uma história onde se esmiúça pausadamente a alma de personagens evolutivas e em tensão. Ambas as facetas do livro geram interesse, é certo, mas conjugar ritmos assim distintos, ao longo de meio milhar de páginas, não é fácil e nem sempre é conseguido. Aqui e além, há monólogos interiores que se espreguiçam, bocejantes, por páginas e páginas, e atrasam o desenvolvimento da diegese. Falta a *Combateremos a Sombra* o toque de Midas que uma revisão e alguma poda poderiam resolver. Pela positiva, destaco o estilo cuidado; a originalidade da história; o realismo da maioria das personagens; a coragem de retratar um país corrupto.

No início do romance, Osvaldo encontra-se a trabalhar num artigo para uma revista da especialidade, sob o tema “quanto pesa uma alma?”. Nunca o termina; contudo, o psicanalista prova que a alma tem o peso da coragem e da ética que tivemos em vida — qualidades iridescentes num Portugal de sombra e estagnação.

Ref.ª: Jorge, Lúcia. *Combateremos a Sombra*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.